

HISTÓRIA ADMINISTRATIVA

Aspectos administrativos do 24 de outubro

Luís Carlos Júnior

1.^a Parte

PANORAMA GERAL ANTERIOR A 1930

CAPÍTULO XXVIII

A balbúrdia que se estabeleceu a 24 de Outubro de 1930 em todos os setores da vida administrativa do país não tivera precedentes até então e até hoje não encontra similar.

Enquanto os ministros e principais diretores de repartições, presos uns, foragidos muitos e homiados outros em legações e embaixadas, deixavam às flutuações do movimento triunfante os edifícios públicos, a confusão que se estabeleceu nos diferentes órgãos da administração permitia todos os excessos, facilitando a eclosão de tôdas as ambições.

Depois de dissipadas as primeiras dúvidas sobre o resultado da revolução, o funcionalismo começou a afluir aos respectivos locais de trabalho, entregues, até então, à mais completa acefalia. A princípio não havia quem se entendesse. Houve ministérios que, em espaço de poucas horas, tiveram vários ministros improvisados, os quais não lograram fazer cumprir uma ordem. Repartições houve em que os diretores faziam rodízio.

No Ministério da Viação, o Major Bernardo de Oliveira, Diretor de Secção da Secretaria de Estado, assumiu a direção dos serviços, na qualidade de funcionário mais antigo da casa, até que o Governador nomeasse o novo titular. Ao Ministério da Fazenda compareceu, acompanhado por uma tropa embalada, o Sr. Mário Newton de Figueiredo, Diretor do Tribunal de Contas, que, na qualidade de Encarregado do Expediente daquele Ministério, empacotou e lacrou todos os papéis encontrados no Gabinete do ex-Ministro Oliveira Botelho. Por determinação da Junta Provisória, o Almirante

Artur Tompson ficou respondendo pelo Ministério da Marinha, o General Leite de Castro pelo Ministério da Guerra e o diplomata Ronald de Carvalho pelo Ministério das Relações Exteriores. O Sr. Gabriel Bernardes assumiu a pasta da Justiça, e, assinando-se Ministro da Justiça do Governo Revolucionário, dirigiu várias proclamações ao país, em uma das quais anunciava os nomes dos componentes da Junta Governativa, acrescentando-os do nome do Sr. Pandiá Calógeras.

A Polícia Civil do Distrito Federal teve um rosário de pseudo-chefes, a ponto de, sabedor da confusão que ia por aquêlê setor, para lá dirigir-se o velho Sr. Belizário Távora, tio do Sr. Juarez Távora, a fim de assumir novamente o cargo que ocupara muitos anos antes e pôr ordem no caso que se estabelecera. Lá chegando, já encontrou, o Coronel Sotero de Menezes, que por algumas horas ainda, se conservaria no cargo de Chefe de Polícia, até ser oficialmente nomeado o Coronel Bertoldo Klinger.

A Repartição Geral dos Telégrafos fôra ocupada, logo nos primeiros momentos da revolução por uma tropa chefiada pelo 1º: tenente Napoleão de Alencastro Guimarães, que cedeu, no dia seguinte, o cargo de Diretor geral ao Engenheiro Conrado Müller de Campos, nomeado por decreto da Provisória. A Diretoria Geral dos Correios foi assumida pelo Sr. Bento Monteiro Guedes, pessoa estranha aos quadros postais Reposto no cargo de Diretor Geral dos Correios, por decreto da Junta, o Sr. Severino de Lucena Neiva encontrou certa dificuldade em reassumir êsse cargo, pois o diretor revolucionário alegava estar regularmente investido pela mesma junta (1).

Na Estrada de Ferro Central do Brasil deu-se um fato inédito — a aclamação de um engenheiro

(1) Ver "Correio da Manhã", de 28-10-930, pág. 6.

como Diretor, cuja posse se verificou sob a garantia de praças embaladas, especialmente solicitadas para êsse fim.

Desde as cinco horas da madrugada encontrava-se em seu pòsto, na qualidade de Chefe do Movimento daquela via férrea, o engenheiro Luís Carlos da Fonseca. Por volta das 8 horas, o agente da Estação D. Pedro II, falando pelo telefone interno, consultou-o sôbre o modo de proceder quanto aos trens, que estavam todos parados e ameaçados de depredação pela massa popular que se aglomerava nas plataformas, ansiosa por voltar aos lares e evitar os acontecimentos de uma luta que ainda parecia indecisa.

— Mas por que estão parados os trens?

— De ordem do Sr. Diretor.

— E onde está o Diretor?

— Não sei. Abandonou a Estrada depois de mandar reter, onde estivessem, todos os trens.

— E o senhor já se comunicou com o Sub-Diretor do Tráfego?

— Também o Sr. Sub-Diretor não está no Gabinete nem é encontrado. O senhor é o único engenheiro da Estrada que está presente.

— Neste caso, sob minha responsabilidade pessoal, faça restabelecer imediatamente a marcha de todos os trens.

Isso foi pelas 8 da manhã de 24 de Outubro. Depois de mais serenados os ânimos e de estar já assegurada a vitória da Revolução, começaram a chegar à Central os funcionários, chefes de serviço e engenheiros, dos quais o mais antigo e de maior graduação dirigiu-se à diretoria, onde tomou assento à mesa do Diretor. Pouco passa das 14 horas quando o engenheiro Luís Carlos da Fonseca foi surpreendido com a entrada na Chefia do Movimento, então localizada no torreão direito do antigo edifício da Central, de dois tenentes, com os competentes lenços vermelhos ao pescoço e acompanhados de 12 praças de baioneta calada.

— Quem é aqui o Dr. Luís Carlos? perguntou em alta voz um dos oficiais.

— Sou eu, respondeu o engenheiro.

— Faça o obséquio de acompanhar-nos, disse o mesmo oficial.

O engenheiro, que, num dia como aquêle, estava preparado para todos os acontecimentos, inclusive para receber uma ordem de prisão, levantou-se, pegou o chapéu e a bengala e colocou-se entre os dois tenentes, que, para logo, lhe travaram cada

um de um braço, pondo-se a caminho escadas abaixo, seguidos pelo inquietante pelotão e pelos olhares atônitos e incrédulos dos funcionários da Chefia do Movimento.

Ao chegar ao primeiro pavimento, o pequeno cortejo, em lugar de continuar a descer a caminho da rua, do Quartel General, fronteiro, e, portanto, da prisão, tomou porém, a direção do Gabinete do Diretor, dirigindo-se, entre palmas, para a mesa diretorial, cercada já por grande número de servidores. Um dos tenentes declarou então empossado no cargo de Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil o Dr. Luís Carlos da Fonseca, escolhido por aclamação do pessoal daquela via férrea, que fôra buscar tropa para dar corpo ao seu desejo, e confirmado pela Junta Provisória.

Se no caso da Central houve necessidade de intervenção de força para que os servidores, imbuídos de uma idéia de super-liberdade, pudessem fazer valer sua vontade, em outros a ascensão ao pòsto supremo não ofereceu qualquer dificuldade.

Assim foi, por exemplo, a Prefeitura do Distrito Federal, onde o antigo deputado Adolfo Bergamini entrou à frente de um punhado de amigos e correligionários e onde, como Prefeito, se manteve por largo tempo, realizando, aliás, administração digna de encômios.

No podia a Junta Governativa organizar de imediato, uma lista de ministros, nem prover, nos primeiros momentos de surpresa e estupefação os altos postos da administração pública. A situação nos Estados era ainda uma incógnita. Não se sabia com segurança em mãos de quem se encontravam. O Sr. Getúlio Vargas permanecia com o grosso de suas tropas, de armas ainda na mão, na cidade de Ponta Grossa.

A êsse chefe político da Revolução e aos governadores e presidentes dos Estados, o General Tasso Fragoso dirigiu, na noite de 24 de Outubro o seguinte telegrama:

“Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que, com a corporação da massa popular, as classes armadas realizaram hoje, sem efusão de sangue, a mudança da alta administração do país, no patriótico intuito de pôr um paradeiro à chachina que ameaçava desgraçar a família brasileira. O Presidente foi recolhido, ao entardecer, ao Forte de Copacabana; o ex-

Ministro da Justiça (2) ao 1.º Regimento de Cavalaria; o ex-Ministro da Guerra (3) à Fortaleza de São João; os demais ministros (4) em liberdade. A Junta Provisória apela para que todos os brasileiros suspendam imediatamente quaisquer hostilidades. Saudações — Pela Junta Provisória, General Tasso Fragoso" (5).

Nessa mesma noite era enviado aos representantes diplomáticos do Brasil no estrangeiro, o seguinte telegrama circular :

"Acaba instalar-se no Rio de Janeiro a Junta do Governo, composta do General de Divisão Augusto Tasso Fragoso, Presidente, General de Divisão João de Deus Mena Barreto e Contra-Almirante Izaias de Noronha. O ex-Presidente Washington Luís entregou o governo hoje, recebendo tôdas as considerações devidas ao seu elevado cargo. Os Ministros de Estado foram exonerados. O programa do Governo Provisório é de confraternização imediata da família brasileira, manutenção dos compromissos nacionais no Exterior e pacificação dos espíritos dentro do país. O movimento realizou-se sem sangue, com máxima ordem e respeito às autoridades depostas. O povo acompanhou entre aclamações o desenrolar dos acontecimentos. A cidade apresenta o aspecto de dias de grandes festas nacionais. Peço dar a maior divulgação para imprensa a este primeiro boletim. (a) *Ronald de Carvalho*, respondendo pelo expediente do Exterior" (6).

Só às últimas horas do dia 24, principalmente no dia 25 de outubro, é que a Junta Provisória pôde, mais tranqüilamente, organizar um minis-

tério formado de elementos capazes de arcar com as responsabilidades e as esperanças que o povo lhes depositava nos ombros.

Para a pasta da Marinha, que, provisoriamente, fôra confiada ao Almirante Artur Tompson, foi nomeado o Contra-Almirante Izaias de Noronha, que deveria exercer o cargo de Ministro cumulativamente com suas funções de membro da Junta Governativa.

Para a pasta da Guerra foi nomeado o General de Brigada José Fernandes Leite de Castro. Para a da Fazenda, o Ministro do Tribunal de Contas Agenor de Roure.

Para o Ministério da Agricultura foi nomeado o Dr. Paulo de Moraes Barros, antigo político de São Paulo, onde fundara o Partido Democrático. O Dr. Moraes Barros ficou, também, respondendo pela pasta da Viação e Obras Públicas, cujo titular não fôra escolhido e só o seria, aliás, em futuro próximo, pelo Sr. Getúlio Vargas.

O Sr. Afrânio de Melo Franco foi o grande nome nacional que mereceu a escolha para as Relações Exteriores. Coube-lhe, ainda, responder pela pasta da Justiça, enquanto não tomava posse o Ministro escolhido, Sr. Ariosto Pinto, que alegara ter de entrevistar-se primeiro com o Sr. Getúlio Vargas, em Ponta Grossa.

A posse do político dos pampas não chegou a efetivar-se, pois, já na tarde de 31 de outubro, chegava êle ao Rio em companhia do Chefe Supremo da Revolução, em um trem especial que fôra a São Paulo buscar o futuro Presidente da República e que, apesar das ordens severas da Diretoria da Central, gastou, entre aquela cidade e esta Capital, 20 horas e meia, tais as aclamações e as manifestações de delírio com que as populações das zonas marginais à linha férrea quiseram testemunhar ao Triunfador os seus anseios de liberdade e de democracia.

O Sr. Getúlio Vargas assumiu a suprema magistratura da Nação a 3 de novembro de 1930, com a modesta denominação de Chefe do Governo Provisório.

(2) Sr. Viana do Castelo (N. do A.).

(3) General Nestor Sezefredo dos Passos (N. do A.).

(4) Srs. Otávio Mangabeira, Lira Castro, Oliveira Botelho, Vítor Konder e Pinto da Luz, (N. do A.).

(5) Dos jornais de 25-10-1930.

(6) (Idem).